

O ENSINO DE HISTÓRIA NA TRAVESSIA PARA O DIGITAL – CONTRIBUIÇÕES DE SERRES, RANCIERRE E AGOSTINHO DA SILVA

Josefa Nunes Pinheiro¹
Sandy Aparecida Barbosa Magalhães²
Ana Flávia Ferreira da Silva³
Lirida Stephania Ferreira Alencar⁴
Francisco Igor Alves Rodrigues⁵
Sauloéber Társio de Souza⁶

RESUMO

Dentre os efeitos da Pandemia de Covid 19 e do isolamento social dela decorrente está a consolidação do uso das plataformas digitais nas práticas escolares (VIDAL, 2022). O Filósofo Michel Serres já chamava a atenção para o que ele denominou como sendo uma travessia que estamos fazendo em direção a um novo tempo da história humana. Numa das extremidades dessa fenda estão os jovens aos quais pretendemos ensinar. Ao passo que as estruturas do ensino parecem datar de um tempo em que os seres humanos e o mundo eram algo que não o são mais. Nesse trabalho que resulta de um estudo bibliográfico em que se dialoga com autores do campo da Filosofia da Educação, buscou-se problematizar essa discussão a partir das reflexões de: Educação, Criação, Liberdade e as Analogias com a paideia grega em Póicles de Agostinho da Silva (2019); A Educação e Ignorância, a emancipação intelectual e as críticas à educação moderna em O Mestre Ignorante de Jacques Rancière (2011); a discussão de uma Terceira Educação – transformação e inventividade na proposta pedagógica de Michel Serres exposta na Polegarzinha (2018). Tendo como lugar de fala a experiência de uma Professora de Estágio Supervisionado na Licenciatura em História, e as elocubrações teóricas e metodológicas promovidas na Disciplina de Teorias da Educação no Curso de Doutorado em Educação na Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Espera-se contribuir para ampliar as fronteiras do debate entre Filosofia, Formação de professores e Ensino de História.

Palavras-chave: Ensino de História, Formação de professores, História digital, Agostinho da Silva.

INTRODUÇÃO

Dentre os efeitos da Pandemia de Covid 19 e do isolamento social dela decorrente está a consolidação do uso das plataformas digitais nas práticas escolares (VIDAL, 2022). O Filósofo Michel Serres já chamava a atenção para o que ele denominou como sendo uma travessia que estamos fazendo em direção a um novo tempo da história humana. Essas transformações que o autor chama de “hominescentes”, produziram uma rachadura que se abre

¹ Doutoranda em Educação do PPGED/FACED/UFU, kacildanunes@gmail.com;

² Doutoranda em Educação do PPGED/FACED/UFU, sandymagalhaes.educacao@gmail.com ;

³ Doutoranda em Educação do PPGED/FACED/UFU, flaviamathema@gmail.com ;

⁴ Fonoaudióloga Especialista em Inclusão Escolar pela FIP, liridafiuza@hotmail.com ;

⁵ Doutorando em Educação do PPGED/FACED/UFU, franciscoigorvalves@hotmail.com

⁶ Professor orientador: Professor Titular da Universidade Federal de Uberlândia/UFU–sauloeber@gmail.com

no tempo e nos grupos tão larga e evidente, que são comparáveis àquelas do neolítico, do início da era cristã e/ou do renascimento. Uma vez que revolucionam não apenas as técnicas, mas metamorfoseiam o corpo, mudam o nascimento e a morte, o sofrimento e a cura, as profissões, o espaço, os hábitos, enfim o ser no mundo (SERRES, 2013).

Na extremidade dessa fenda estão os jovens aos quais pretendemos ensinar. Contudo as estruturas do ensino parecem datar de um tempo em que os seres humanos e o mundo eram algo que não o são mais. *Pari passu* no campo da Formação de Professores persistem questões não resolvidas, e que parecem prejudicadas na era digital, como o problema da educação emancipadora.

Nesse texto apresento como horizonte para problematização dessa discussão as reflexões promovidas na Disciplina de Teorias da Educação no Curso de Doutorado em Educação na Universidade Federal de Uberlândia – UFU. A disciplina buscava analisar as múltiplas Teorias da Educação de um ponto de vista histórico-filosófico. Para tanto buscou por meio da relação entre Filosofia e Educação promover a discussão de perspectivas que patenteiam a Educação enquanto criação, invenção e liberdade.

Para conduzir essas reflexões utilizou-se do referencial de Póicles de Agostinho da Silva (2019), O Mestre Ignorante de Jacques Rancière (2011) e Polegarzinha de Michel Serres (2018). Mais especificamente a reflexão sobre a Educação, Criação, Liberdade e as Analogias com a paideia grega em Agostinho Silva. A Educação e Ignorância, a emancipação intelectual e as críticas à educação moderna em Jacques Rancière; a discussão de uma Terceira Educação – transformação e inventividade na proposta pedagógica de Michel Serres (PINHO, 2022)⁷.

EDUCAÇÃO, CRIAÇÃO E LIBERDADE EM PÓICLES DE AGOSTINHO SILVA

De acordo com Giannetti (2019) uma temática central na filosofia de Agostinho Silva é o seu ‘anticientismo’ que não se confunde com uma postura de menosprezo ou rejeição à ciência moderna. Porém, a uma compreensão dos limites e das pretensões, a seu ver equivocadas, de que a ciência possa vir a fornecer respostas ao nosso impulso de transcendência e busca do significado e do fundamento último da nossa existência pessoal e coletiva.

O ‘cientismo’ aqui entendido como o movimento que surge a partir do advento da ciência moderna no século XVII e da sua ascendência sobre todas as formas de busca e

⁷ As informações foram extraídas do Documento Ficha de Disciplina/Programa da Professora Romana Isabel Brázio Valente Pinho para o semestre 2022.2.

apreensão do mundo firmando a crença de que a inteligência humana disciplinada pela lógica ‘seria capaz de penetrar e render todos os segredos do universo’, e tendo como consequência “a progressiva obliteração da dimensão do mistério na consciência humana e, com ela, a supressão da experiência do sagrado em nossa vidas”.

O produto desse movimento responde pelo nome de cientismo: a crença de que qualquer questão genuína sobre a natureza do universo e a condição humana pode ser – e com o tempo será – decifrada pelo avanço da pesquisa científica, ao passo que as questões que não se prestam a uma abordagem nos moldes da ciência não constituem questões ou buscas legítimas e, por isso, devem ser banidas do rol das nossas demandas e inquietudes. (p.15, 2019)

A filosofia da história de Agostinho da Silva, nasce, segundo o autor, do seu compromisso com a ação transformadora, propondo uma leitura original e abrangente do passado, um diagnóstico da crise civilizatória de nossa época, fruto de um processo de ocidentalização do mundo desde a era dos descobrimentos e do Renascimento europeu. Entretanto, o que é absolutamente original em Agostinho Silva é

a sua aposta sobre a função planetária dos povos e culturas de língua portuguesa no seu potencial de liderança na afirmação de valores e na construção de formas de vida e sensibilidade capazes de superar os impasses e ameaças a que chegamos na trilha do tecnocunsumismo ocidental (p.20).

Essa visão utópico-profética de futuro, consubstanciada na mitopoética da missão dos povos de língua portuguesa na conversão planetária ao reino do Espírito Santo será retomada nas considerações finais desse trabalho. Por hora seguiremos com Pólicles.

Publicado originalmente em 1944, o texto remonta um diálogo entre discípulos de Platão que discutem temas como autonomia intelectual, o papel dos mestres, a natureza do conhecimento, as continuidades (generalizações), experiência, mundo das ideias e mundo da vida, tendo como fio condutor uma abordagem da educação. Os personagens do diálogo são Pólicles, Menêxeno e Crítias. Numa alegoria semelhante à de Platão que serviu-se de Sócrates, também Agostinho Silva serve-se de Pólicles para introduzir-nos na filosofia e na retórica.

O texto inicia-se com a descrição do cenário, à sombra dos plátanos, onde se ouve apenas o zangarreio da cigarra. Em meio a esse silêncio dourado, dois amigos conversam e Pólicles deixa claro que não há maior prazer na vida do que pensar num dia assim. Ao que Menêxeno discorda, que melhor seria escutar as palavras de Platão falando-lhes de Sócrates e Fedro. Pólicles pergunta ainda se poderia haver alegria maior do que sentir-se homem livre em face da natureza? Menêxeno indaga se ele esqueceu da voz do mestre, voz que esculpe as palavras, ordenando-as nos ritmos da inteligência e da beleza, e fala ao mesmo tempo da

saudade de Sócrates(passado) e da esperança do futuro. E a resposta é que não, pois as palavras de Platão modelaram-lhe a alma e a criaram porque deram consciência de si.

Mas essa consciência de si libertou o seu pensamento e despertou o desejo de liberdade do espírito. Ao que Menêxeno reflete se o fim do mestre não é ver-se rodeado de discípulos que tenha modelado à sua semelhança. Pólicles pondera que o mestre tem o dever de respeitar a liberdade dos aprendizes, e aquele que não o faz seria um tirano que não liberta espíritos, mas arrebanha escravos.

Menêxeno então compara o mestre ao estatuário que mostra na estátua toda a beleza e força criadora do seu espírito. E Pólicles pergunta se Fídias ao criar Palas Atenas teria se preocupado com seu próprio ideal ou teria estudado o ideal de outros homens até encontrar o ponto comum a todos os ideais, o essencial, a marca da eternidade. Ao que Menêxeno contrapõe que talvez a arte de ambos não seja a mesma. Pólicles rebate que o mestre assim como o escultor deve ter um ideal de homem para esculpir na criança e ser capaz de criar um homem eterno.

Mas afinal o que há de comum a todos os homens? Num movimento de aproximações sucessivas eles concluem que o pensamento é que todos os homens têm de comum entre si. Cabe ao mestre

“dar o hábito e o amor do pensamento, desenvolver o que neles há de verdadeiramente humano; deve acostumá-los a chegarem sempre ao fim dos seus raciocínios, a não se cansarem e desistirem a meio; deve levá-los a que tenham as ideias como guias da vida; todo o homem que pensa e se obedece é caminheiro da estrada da verdade, venha donde vier, venha por onde vier. O nosso mal, meu amigo, está em que não pensa a maior parte dos homens. (...) Os que pensam não põem a sua vida de acordo com o pensamento. Pensar é viver: ao pensamento perfeito corresponde a perfeita vida. (p148).

Nesse momento Crítias entra no diálogo, e utilizando a alegoria da viagem de Platão a Siracusa eles iniciam um diálogo sobre a experiência. Experiência como resultado de uma vivência que não se furta de viver a esperança de realizar o que lhe anda no espírito, que não se furta da dor, da maldade, mas que constrói a serenidade e a perfeição no desejo do bem. Experiência como um futuro que existe dentro de cada passado e que assegura a continuidade dos tempos e o sentido da História.

Pólicles nos faz refletir sobre o papel dos jovens como sementes do futuro, apresentando uma crença no progresso da humanidade, que se manifesta com a possibilidade das novas gerações de alargar o pensamento para acolher a diversidade, numa perspectiva inclusiva e conciliadora. Essa perspectiva decorre do amor – amor como conhecimento, que nasce da

contemplação e do interesse, amor como um debruçar-se para compreender o outro – inteligir como conhecer.

E concluem o texto com essa aposta na inteligência, na diversidade, na inclusão, nas gerações futuras e na educação. Lembrando que a primavera do mundo está nos moços e em sua rebeldia, que nada mais é, do que uma luta em defesa da liberdade e contra a tirania.

EDUCAÇÃO E IGNORÂNCIA: A EMANCIPAÇÃO INTELECTUAL EM JACQUES RANCIÈRE

O filósofo Jacques Rancière estudioso dos movimentos das classes operárias francesas durante o século XIX, depara-se com Joseph Jacotot à época quando realizava as pesquisas que resultaram na escrita de *A Noite dos proletários* (1981). Em 1987 o pedagogo torna-se o personagem filosófico central no livro *O mestre ignorante - Cinco lições sobre a emancipação intelectual*, onde Rancière descreve o método revolucionário que Jacotot pôs em ação, após a Revolução Francesa, no qual estabelece um método de ensino universal baseado em laços horizontais entre docentes e estudantes.

O pensamento de Jacotot desenvolve-se na França, pós-revolução, quando a instrução tornava-se uma palavra de ordem central, o mestre era ao mesmo tempo, um paradigma filosófico e o agente prático da entrada do povo na sociedade e na ordem governamental moderna, e o ensino imbuía-se da tarefa de reduzir tanto quanto possível a desigualdade social.

Nesse contexto Jacotot vem destoar com o pressuposto de que “quem estabelece a igualdade como objetivo a ser atingido, a partir de uma situação de desigualdade, de fato a posterga até o infinito. A igualdade jamais vem após, como resultado a ser atingido. Ela deve sempre ser colocada antes”. Ele observava que instruir pode significar duas coisas opostas: embrutecimento e emancipação.

Embrutecedor é o método que provoca no pensamento do aprendiz o sentimento de sua própria incapacidade. Fazendo uma crítica ao método socrático, ele assume que fazer alguém falar para concluir que o que diz é inconsistente, e que essa clareza da inconsistência jamais teria sido reconhecida, se alguém não lhe tivesse indicado o caminho de demonstrar a si mesmo sua própria insignificância, é o método do embrutecimento (Ranciere, 2003).

Em oposição aos debates da sociologia progressista de Pierre Bourdieu centrada na questão da desigualdade escolar, na violência simbólica imposta por todas as regras tácitas do jogo cultural, que asseguram a reprodução dos herdeiros e a auto-eliminação dos filhos das classes populares. Ranciere destaca que as reformas governamentais baseadas nessas premissas

nada mais fizeram do que confirmar a desigualdade presente em nome da igualdade futura. Assumindo que o saber, não comporta por si só, qualquer consequência igualitária. E que o poder fantasmático atribuído à escola de realizar a igualdade social, é apenas uma forma de legitimação da visão oligárquica de uma sociedade-escola em que o governo não é mais do que a autoridade dos melhores da turma, ele conclui que o axioma igualitário não tem efeitos sobre a ordem social. Uma vez que a igualdade não é nem formal nem real. Ela é “fundamental e ausente, atual e intempestiva, sempre dependendo da iniciativa de indivíduos e grupos que, contra o curso natural das coisas, assumem o risco de verificá-la, de inventar as formas, individuais ou coletivas, de sua verificação”.

O embrutecimento não está, necessariamente, na sujeição de uma vontade a uma outra. Não se trata de abolir toda relação de autoridade, de forma a não deixar senão uma relação de inteligência à inteligência. Pois é exatamente quando só existe relação de inteligência à inteligência que a desigualdade das inteligências – a necessidade de que uma inteligência seja guiada por uma inteligência – melhor se demonstra (RANCIERE, 2003).

Desse modo a emancipação dos indivíduos deve, ser pensada em um esquema inverso, no qual a vontade seja, não deixada de lado, para que se estabeleça a “pura” relação entre inteligências, mas, pelo contrário, se reconheça como tal, se declare como tal, isso é, se declare ignorante. O que é um mestre ignorante? É um mestre que não transmite seu saber e também não é o guia que leva o aluno ao bom caminho, que é puramente vontade, que diz à vontade que se encontra a sua frente para buscar seu caminho e, portanto, para exercer sozinha sua inteligência, na busca desse caminho. Essa reciprocidade é o cerne do método emancipador.

O método que ele chamou de panecástico, porque busca o todo da inteligência humana em cada manifestação intelectual é o principal caminho para emancipação intelectual uma vez que parte da hipótese que as inteligências são iguais.

TRANSFORMAÇÃO E INVENTIVIDADE - A PROPOSTA PEDAGÓGICA DE MICHEL SERRES

Chamando atenção para a evolução histórica do saber por meio da dupla suporte-mensagem (das bibliotecas vivas aos pergaminhos, suportes da escrita, aos livros de papel, suportes da imprensa, à internet, suporte de mensagem e de informação) e para os desafios impostos à pedagogia de uma mudança urgente e decisiva do ensino. Serres destaca que o saber agora está o tempo todo e por todo lugar transmitido, acessível a todo mundo, num espaço de proximidades imediatas. Nesse movimento a própria memória sofre uma mutação, assim como a cabeça.

Enquanto professor Serres descreve sua própria travessia em lugares onde essa fenda está aberta e onde o formato institucional ultrapassado prescreve reformas ancoradas em modelos superados cujos resultados só enfraquecem o que se tentava consolidar. O autor conclui a parte inicial se perguntando por que as coisas ainda não mudaram? Culpa a si próprio e os outros filósofos. Deseja que a vida o dê tempo de caminhar com os jovens para inventar novidades inimagináveis capazes de superar a sociedade do espetáculo.

Na trilha da escola Serres destaca que a cognição, outrora interna, agora é externa na caixa cognitiva objetivada onde a memória e o raciocínio são mil vezes mais poderosos e a imaginação é equipada com milhões de ícones. E se pergunta se estamos condenados à inteligência? A intuição inovadora, a inteligência inventiva, a autêntica subjetividade cognitiva e vivaz é onde reside a nova genialidade?

“Vivemos em coletividade, hoje em dia, como filhos do livro e netos da escrita” e as novas tecnologias nos obrigam a sair do formato espacial inspirado pelo livro e pela página, a questão é saber como? Primeiro ele destaca que as ferramentas tradicionais exteriorizam nossas forças – duras, enquanto as novas tecnologias externaram mensagens e operações que circulam no sistema neuronal, informações e códigos – suaves.

O cogito seria possível na distância desse saber tradicional. Essa autonomia nova dos entendimentos corresponderiam também movimentos corporais descontraídos e um tumulto de vozes. Um burburinho que torna inaudível a antiga voz do livro, que abafa o porta-voz do escrito tornando-o obsoleto. É o fim da era do saber?

Esse novo caos anuncia uma reviravolta na pedagogia e na política visto que até recentemente ensinar era uma oferta despreocupada em ouvir a opinião ou a voz da demanda. Isso acabou, a tagarelice rejeita essa oferta e anuncia, inventa, apresenta uma nova demanda, provavelmente de um novo saber. Será o fim da era dos especialistas?

O saber exigia uma inclinação submissa, corpos humilhados, inclusive dos que o detinham. Era uma totalidade inacessível diante da qual os corpos fascinados nem se mexiam. Bancos apertados, em fila para os corpos imóveis dessas instituições-cavernas. A novidade permite que os corpos possam sair da caverna em que a atenção, o silêncio e o arqueamento das costas os prendiam as cadeiras como se fossem correntes. Os corpos agora se mobilizam, circulam, gesticulam, chamam, conversam, trocam entre si. Será o fim da era dos atores? Exige ainda uma atitude ativa de condutor, não suporta a atitude passividade. Não há mais professores

no quadro-negro, eles estão por toda a sala de aula, até mesmo a arena política está ocupada por quem antes recebia as decisões. Será o fim da era dos que decidiam?

Serres propõem uma reflexão a partir da Terceira Instrução, evidenciando a necessidade de busca de uma outra razão. Talvez para uma desordem criativa onde o único ato intelectual autêntico seja a invenção.

Na fenda da Sociedade o autor observa como as velhas filiações agonizam (paróquias, pátria, sindicatos, famílias), sobrando apenas os grupos de pressão como fetiches descartáveis. Para os quais a Polegarzinha contrapõe o virtual como um novo coletivo, ou melhor o conectivo que possibilita simetrizar o ensino, os cuidados, o trabalho, facilitando a circulação nas duas vias de entendimento. Invertendo a velha presunção de incompetência num movimento semelhante àquele que funda a democracia, quando de maneira equivalente doidos e ajuizados, ignorantes e instruídos passam a ter o mesmo direito de voto, numa democracia generalizada.

Nesse ensaio sobre as possibilidades da tecnologia na construção de novas sociabilidades e na atualização de interrogações que constituem a condição humana, bem como a passagem da sociedade do espetáculo para a sociedade pedagógica, fica evidente a mudança radical e revolucionária dessa entidade, tornando-se urgente rever a pedagogia empregada, uma vez que a educação nos moldes arcaicos não cabe mais na contemporaneidade.

São essas novas relações sociais digitais construídas de maneira nova, única, sem base em exemplos anteriores, que o autor enxerga como capazes de transformar nossas perspectivas históricas e culturais. Resultando num reagrupamento das distribuições sociopolíticas e no advento de um quinto poder, o poder dos dados, que independente dos outros quatro, o legislativo, o executivo, o judiciário e o midiático.

São outras construções sociais cujo caminho é apontado, novamente, por vozes que ecoam pelas redes. Estas parecem dar o tom de uma época, onde possamos nos organizar em árvores, ao invés de torres. Árvores em que nossas características comuns se juntarão em uma espécie de tronco e as mais raras nos galhos, com as excepcionais nas folhagens ou brotos. Uma árvore sempre vibrante, agitada pelas chamas dançantes da diversidade. “Feita de pequenas chamas de luz cromática, representando o coletivo conectado, ainda mais real, pelos dados de cada um, ela se apresenta virtual e participativa – decisiva, quando assim se quiser. Volátil, viva e suave, a sociedade de hoje mostra mil línguas de fogo ao monstro de ontem e de antigamente, duro, piramidal e gelado. Morto.”

CONCLUSÕES

Os desafios impostos pela travessia para o digital para a formação de professores de história, as possibilidades de interpretação e abordagens constituíram o objetivo dessa comunicação. Considerou-se relevante as contribuições da filosofia da história de Agostinho da Silva, propondo um diagnóstico da crise civilizatória de nossa época, fruto de um processo de ocidentalização do mundo desde a era dos descobrimentos e do Renascimento europeu. E o seu compromisso com a ação transformadora por meio da construção de novos valores e a afirmação de novas formas de vida e sensibilidades capazes de oferecer caminhos originais diante dos dilemas e desafios da modernidade.

A leitura de Ranciere acerca da desigualdade das inteligências, nos fazendo refletir que a emancipação não virá por meio do meio da ação dos professores ou do sistema escolar, mas é antes um movimento cultural. E por fim Serres propondo uma reflexão a partir da Terceira Instrução, evidenciando a necessidade de busca de uma outra razão. Talvez para uma desordem criativa onde o único ato intelectual autêntico seja a invenção.

Não foi tarefa do texto encerrar as discussões sobre a problemática enunciada na introdução com uma solução. Mas lançar luz sobre os desafios impostos pelo enunciado à atuação de professores e ao sistema escolar. Desafios que nos colocam inquietos em meio a travessia, em face a construção de novas sociabilidades e na atualização das interrogações que constituem a condição humana, a condição docente.

REFERÊNCIAS

GIANNETTI, Eduardo. Prefácio: Agostinho da Silva, semente de vida. In: SILVA, Agostinho da. Filosofia enquanto Poesia. São Paulo: É realizações, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. O Mestre Ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. 3.^a ed. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

SERRES, Michel. Polegarzinha. Trad. Jorge Bastos. Rio e Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

SILVA, Agostinho da. Pólicles. In: Filosofia enquanto Poesia. São Paulo: É realizações, 2019.

VERMEREN, Patrice; CORNU, Laurence; BENVENUTO, Andrea. Atualidade de O Mestre Ignorante. Encontro-Entrevista a Michel Serres. Tradução de Lílian do Valle. In: Educ. Soc., Campinas, vol. 24, n. 82, p. 185-202, abril 2003. Acesso em 27/03/2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/r8cKLvR8QvZgFWLXd4NRfFM/?format=pdf&lang=pt>

VIDAL, Diana Gonçalves. Humanidades digitais e cultura material (escolar). History of Education in Latin America – HistELA, 5, e30136. Acesso em 27/03/2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/30136>